

A Santa Casa de Misericordia
e sua Igreja



GUIA TURISTICO

1962

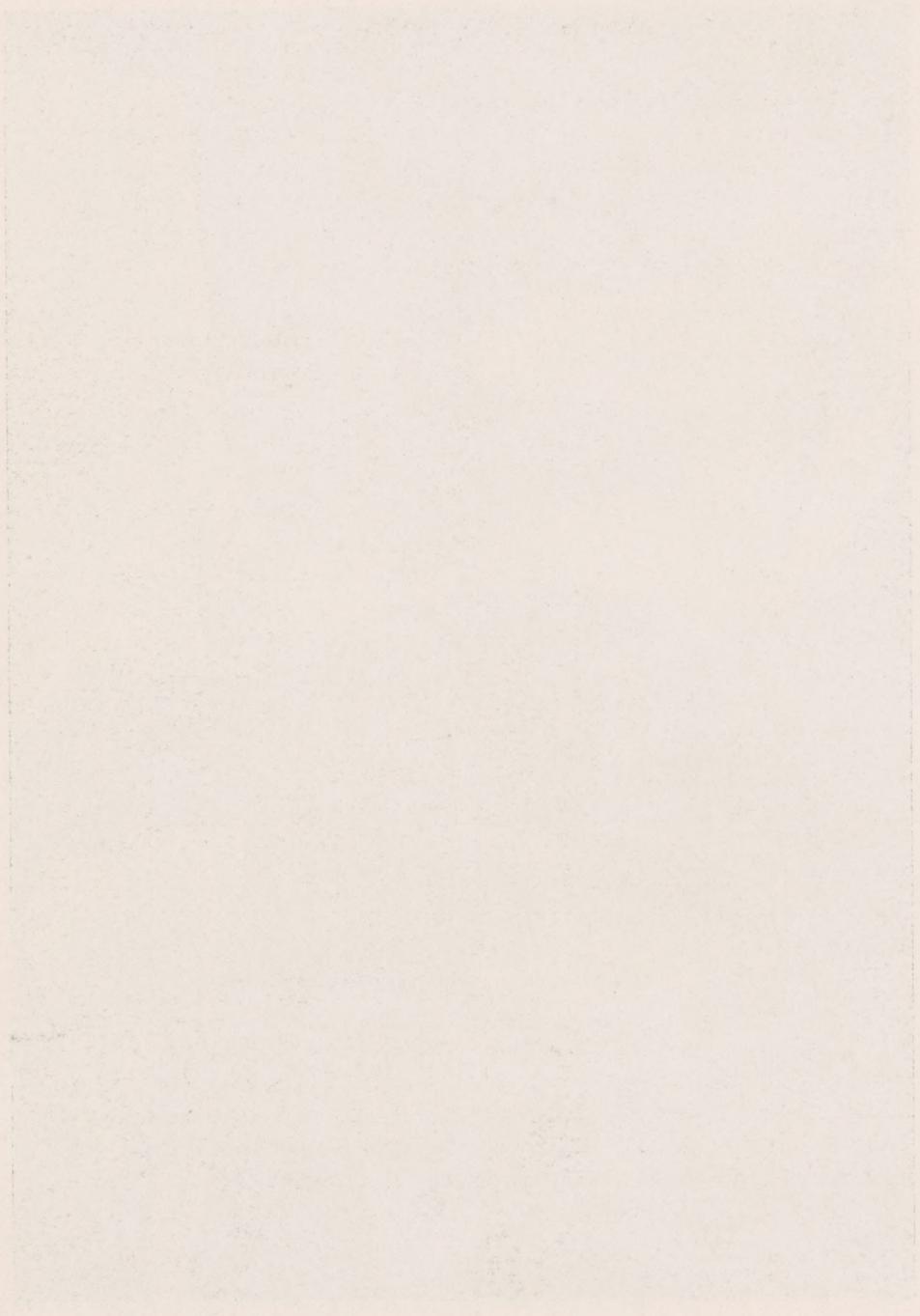
A Santa Casa de Misericordia
e sua Igreja



GUIA TURISTICO

1962





Pátio tendo no centro a estátua da Caridade

RESUMO HISTÓRICO

Da semente do bem plantada no coração da Rainha D. Leonor, viuva de D. João II, pelo religioso da Santíssima Trindade Frei Miguel de Contreiras, surgiu em Portugal em 15 de Agosto de 1498, a Irmandade da Misericórdia, cuja finalidade precípua era exercer a caridade, onde quer que houvesse dor moral ou física a mitigar.

D. Manoel — o Venturoso — concedeu privilégios extraordinários à Instituição fundada nos albores do seu reinado, sob os auspícios da Rainha piedosa, sua irmã, no curto prazo em que se ausentou do Reino, deixando-a como Regente, informam Damião de Góes e Pedro de Mariz. Desde então, todo Portugal se honrou abrindo Casas da Misericórdia.

Anos mais tarde, nas caravelas que partiram do Tejo, rumo da Terra de Santa Cruz, a semente da bem fadada e benfazeja Irmandade se juntou àquelas outras que se transformaram em civilização e cultura.

Ainda não foram provados, com documentos insofismáveis, o nome do fundador da Casa da Santa Misericórdia da Bahia e o dia de sua instalação. O auspicioso acontecimento se deu entre o govêrno de Thomé de Souza e o de Mem de Sá, isto é, depois de 1549 e antes de 1572, uma vez que o 3º Governador Geral, falecido nêsse ano, contemplou a Misericórdia em seu testamento. Aponta-se a invasão holandesa como responsável pela perda dos documentos referentes à fundação.

Aqui, como em Portugal, não faltou à Santa Casa apoio moral e material dos habitantes da cidade, desde seu início. Assim é que o terreno para a edificação da Igreja, Consistório e Hospital anexos foi doado por Simão da Gama, nome que aparece nas primeiras páginas da nossa História.

Da primitiva Igreja da Misericórdia não há vestígios. Em geral, as primeiras construções da cidade do Salvador, quer as civis, quer as religiosas, não resistiram à inclemência do tempo, não havendo, ao que nos conste, exceções.

Em 1653, o estado da Igreja da Santa Casa era tão precário que seus administradores preferiram edificá-la de novo com mais amplitude e mais grandeza.

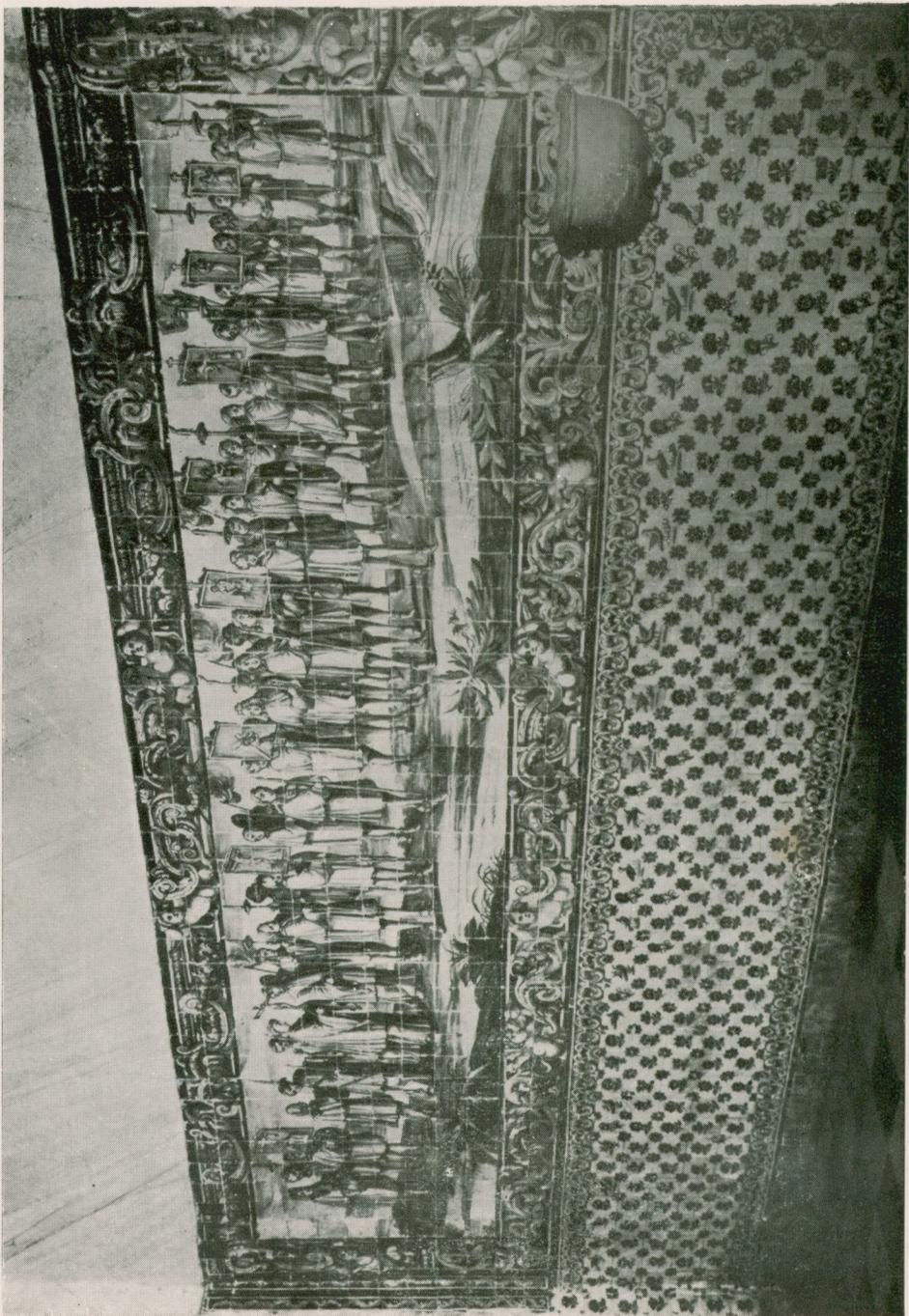
Sobre a projetada construção, que seria de vulto, o então Provedor Antônio da Silva Pimentel aconselhou-se com Frei Macário de São João, notável arquiteto da Ordem Beneditina. Encarregaram-se das obras, iniciadas em 1654, os mestres pedreiros Francisco de Magalhães e Pedro da Fonseca. Aos carpinteiros João Henriques e Francisco Jorge foram confiados, em 1656, os trabalhos de carpintaria.

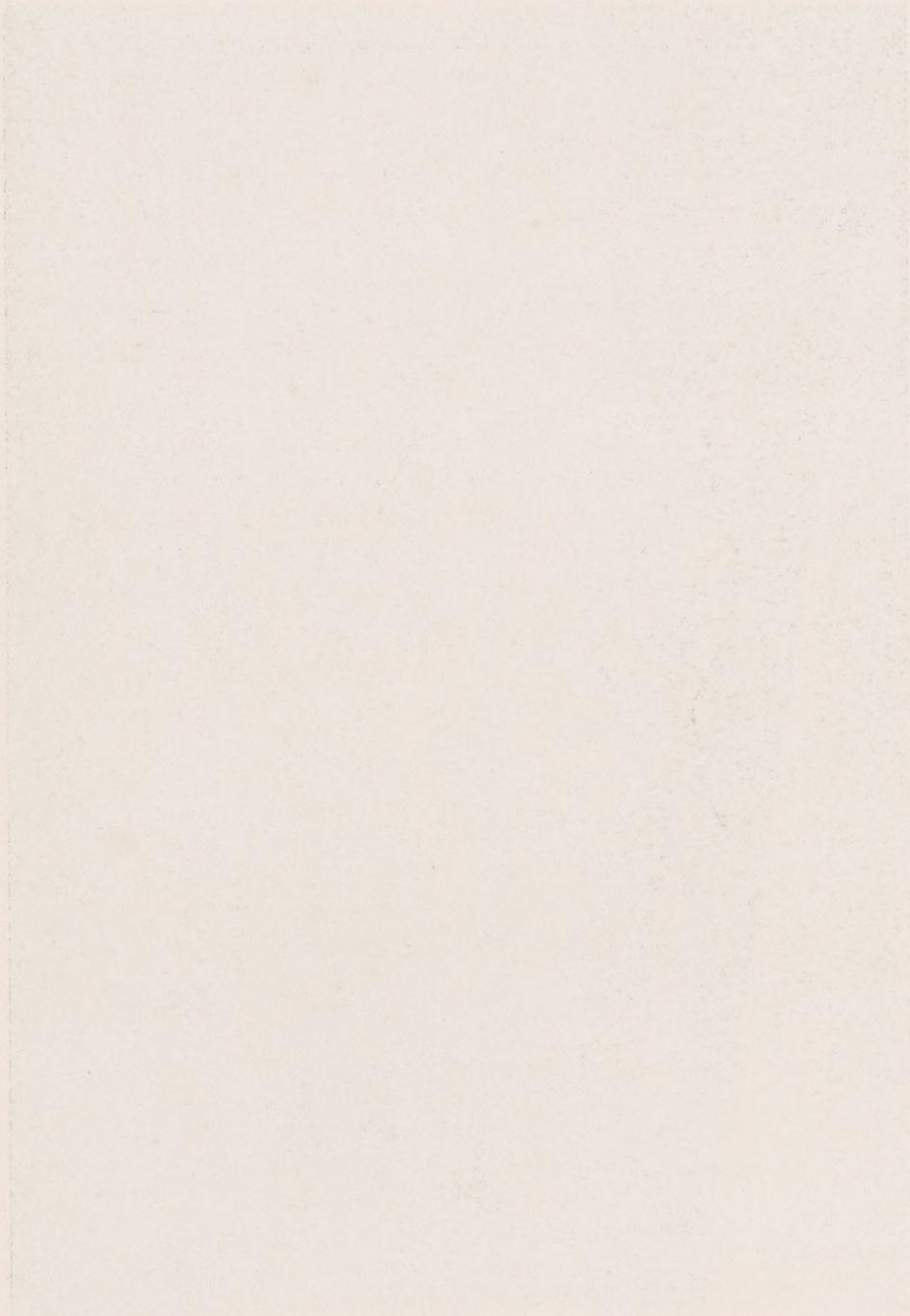
Em Novembro de 1657, ajustou-se com o mestre imaginário Francisco Fernandes, morador na praia da cidade, a execução dos retábulos da capela mor e do altar de Santo Antônio.

Como sóe acontecer, geralmente, a construção não se concluiu de pronto, nem a Igreja permaneceu inalterável no correr dos anos.

Em 1722, cogitou-se do embelezamento do Templo, datando dêsse ano a encomenda dos azulejos, que guarnecem as paredes da nave, ao azulejador Antônio de Abreu, morador à rua da Almada, em Lisboa.

Em 1728, por iniciativa do Provedor, Chantre João Calmon, ordenou-se a conclusão da obra da torre, na sua última perfeição, por se achar lavrada no claustro, exposta a furtos e estragos, a maior parte da cantaria destinada à fábrica da mesma torre, onde foram colocados os sinos fundidos por Alexandre Ferreira da Rocha.





Painel representando a extinta procissão dos Fogareus

Pouco tempo depois, 1733, realizaram-se na Igreja outras obras de embelezamento, entre as quais a do fôrro do côro de cima com florões de talha, assim como a do côro de baixo, trabalho confiado ao carpinteiro João de Miranda Ribeiro. Da pintura e douramento encarregou-se o pintor Antônio Rodrigues Braga, escolhido «por ser grande official e de boa consciencia».

No ano seguinte, 1734, decidiu-se abrir um óculo no fôrro da capela mor, sôbre o qual se eleva pequeno zimbório, obra contratada com Felipe de Oliveira Mendes.

O embelezamento da Igreja da Misericórdia prosseguiu em 1735, quando o entalhador Antonio Mendes da Silva recebeu o encargo de fazer as «cornijas e ilhargas, etudo omias q estiver em cal doarco pa. dentro da capella mor, tudo coberto de talha, na forma do risco que apresentou».

Anos mais tarde, assentou-se fazer novo fôrro no teto da capela mor, trabalho realizado em 1763 por Antônio Mendes da Silva. Ao pintor José Renovato Maciel confiou-se o encargo de dourar e pintar essa obra.

O retábulo da capela mor, apesar de restaurado em 1734, quando se construiu o zimbório, estava arruinado e quase a cair, em 1774, conforme esclarece o Termo da sessão de 22 de Junho dêsse ano. A Mesa contratou, então, novo retábulo com o entalhador Antônio Rodrigues Mendes, trabalho acrescido de 2 tocheiras para ornato da mesma capela, onde ainda se encontram. Para o fundo do retábulo o pintor José Joaquim da Rocha executou, em 1777, o painel da visitaçãõ, que substituiu o antigo, então muito estragado.

Em 1791, sob alegaçãõ de se acharem os altares laterais «totalmente indignos e bastantemente arruidados», a Mesa contratou com o entalhador Felix Pereira Guimarães 2 novos

altares, que foram pintados e dourados pelo artista Francisco Rodrigues de Oliveira.

Não escaparam à febre das remodelações muitas preciosidades com que as gerações passadas enriqueceram a Igreja da Misericórdia. Esta a razão de não encontrarmos, separando a capela mor da nave, a grade de jacarandá, cuja execução se confiou, em 1791, ao marceneiro Capitão Lourenço Gomes de Sousa. O próprio altar mor sofreu alteração sensível com a retirada do painel da Visitação de N. Senhora a Santa Isabel, da autoria de José Joaquim da Rocha. Dêste pintor, entretanto são os 6 painéis que ornaram as paredes da capela mor, conforme recibo de seu próprio punho, datado de 1792. Também desapareceu, do recinto da Igreja, o velho caixão, destinado ao assento dos Mesários durante as festas religiosas, que datava de 1733, quando foi pintado a charão com friso de ouro pelo artista Manoel da Rocha Lordello, perito nessa pintura. As cadeiras atuais, que substituíram aquela peça importante, se encontram na Igreja desde 1869.

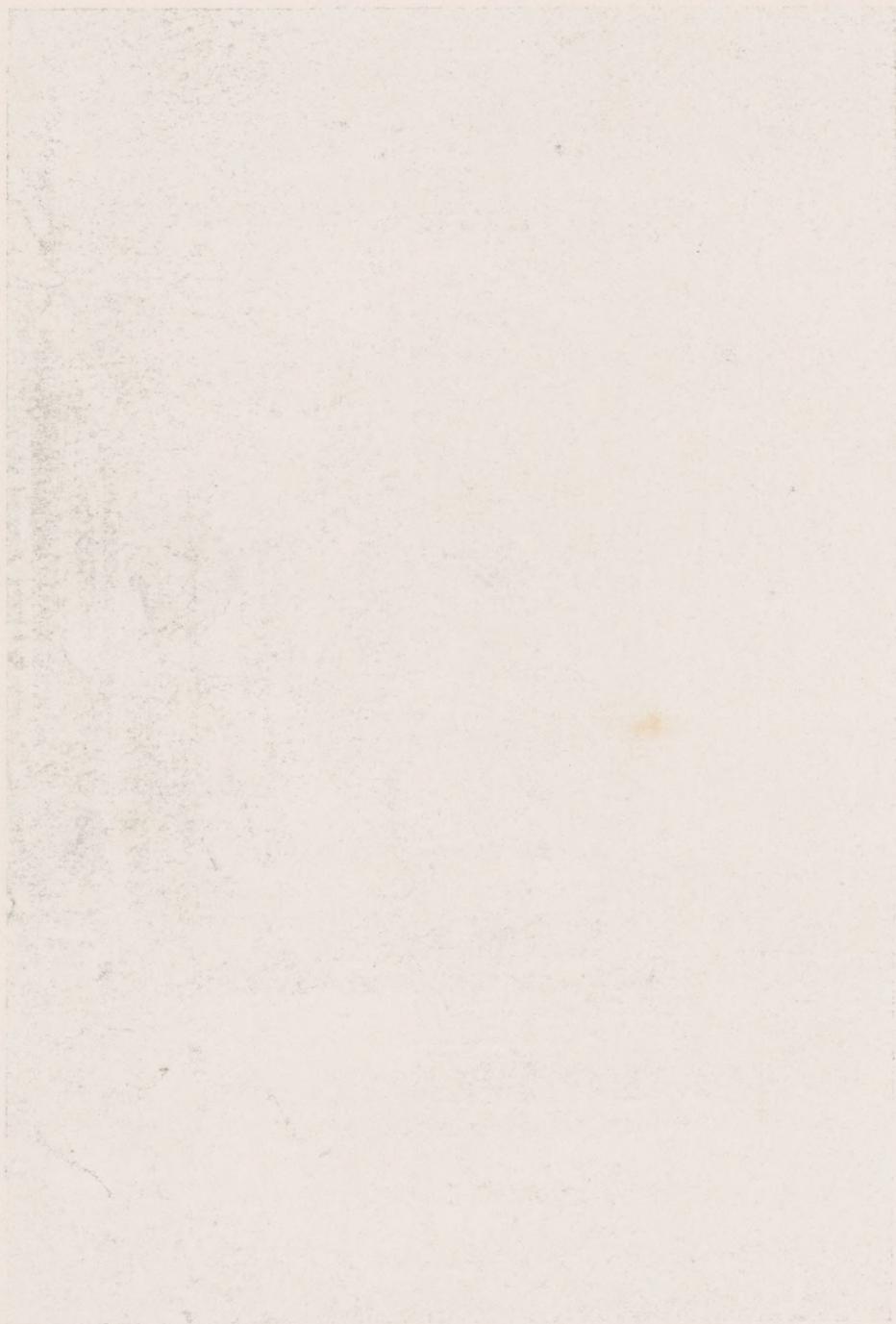
Das obras realizadas no século XIX, destaca-se o assentamento do piso atual da Igreja, trabalho executado entre 1835 e 1836. Anos mais tarde, o Provedor Francisco José Godinho ofereceu os degraus de pedra embutida dos altares laterais, assentados em 1857.

Anexas à Igreja, a Irmandade da Misericórdia possui várias dependências, entre as quais importante salão nobre, claustro e sacristia.

O primeiro Hospital que a cidade do Salvador possuiu, malsinado embora por muitos, funcionou nas insalubres e inadequadas instalações da encosta, voltadas para o poente. Com todas as desvantagens da má situação, êsse Hospital prestou incalculáveis serviços à coletividade.



Altar des Heiligen Geistes



Altar Mór da Capela

Em 1704, a Mesa mandou assentar a escadaria de pedra, «que veio de Portugal em sua ultima perfeição, conforme o risco do mestre Gabriel Ribeiro». O assentamento da pedra, oferta do ex Provedor Antônio da Rocha Pitta, confiou-se ao Capitão Inácio Teixeira Rangel.

Concluida a grande obra, cogitou-se, em 1706, de mandar fazer o fôrro da escada, com florões e grades para as janelas do claustro, «de pau torniadas e depois oliadas pa. mais duração», pelo mestre carpinteiro Gabriel Ribeiro. Não restam vestígios destas obras, cujo executante immortalizou seu nome como autor da planta da Igreja da Ordem 3ª de S. Francisco.

Durante a longa e benemérita administração do Com.dor Francisco José Godinho, assentou-se a pedra procedente da Itália, no claustro, em cujo pátio se ergue a estátua da Caridade, a qual dêsse Provedor. Esta estátua, executada em Lisboa por Francisco de Sales, segundo o risco apresentado à Mesa, em 1851, pelo Engº Francisco Pereira de Aguiar, somente chegou à Bahia em 1853, quando foi colocada no local, onde ainda se encontra.

Pela escada de pedra chega-se ao salão nobre, de fôrro apainelado obra contratada, em 1732, com o mestre carpinteiro João de Miranda Ribeiro.

Em 1734, remeteu-se para Lisboa a encomenda da barra de azulejos, que contorna o salão. Pela nau Jesus, Maria, José, chegada à Bahia em 1735, a Mesa recebeu a preciosa carga, despachada por Manoel de Passos Dias.

O rico e precioso Arquivo da Misericórdia continuaria sua amável missão informativa, se não tivéssemos de iniciar a visita à Igreja e suas dependências, pelo que anseiam, certamente, os visitantes, sobretudo se de passagem e desejosos de conhecer o que a arte nos legou em 4 séculos de trabalho em prol da grandeza da Bahia.

ROTEIRO TURÍSTICO

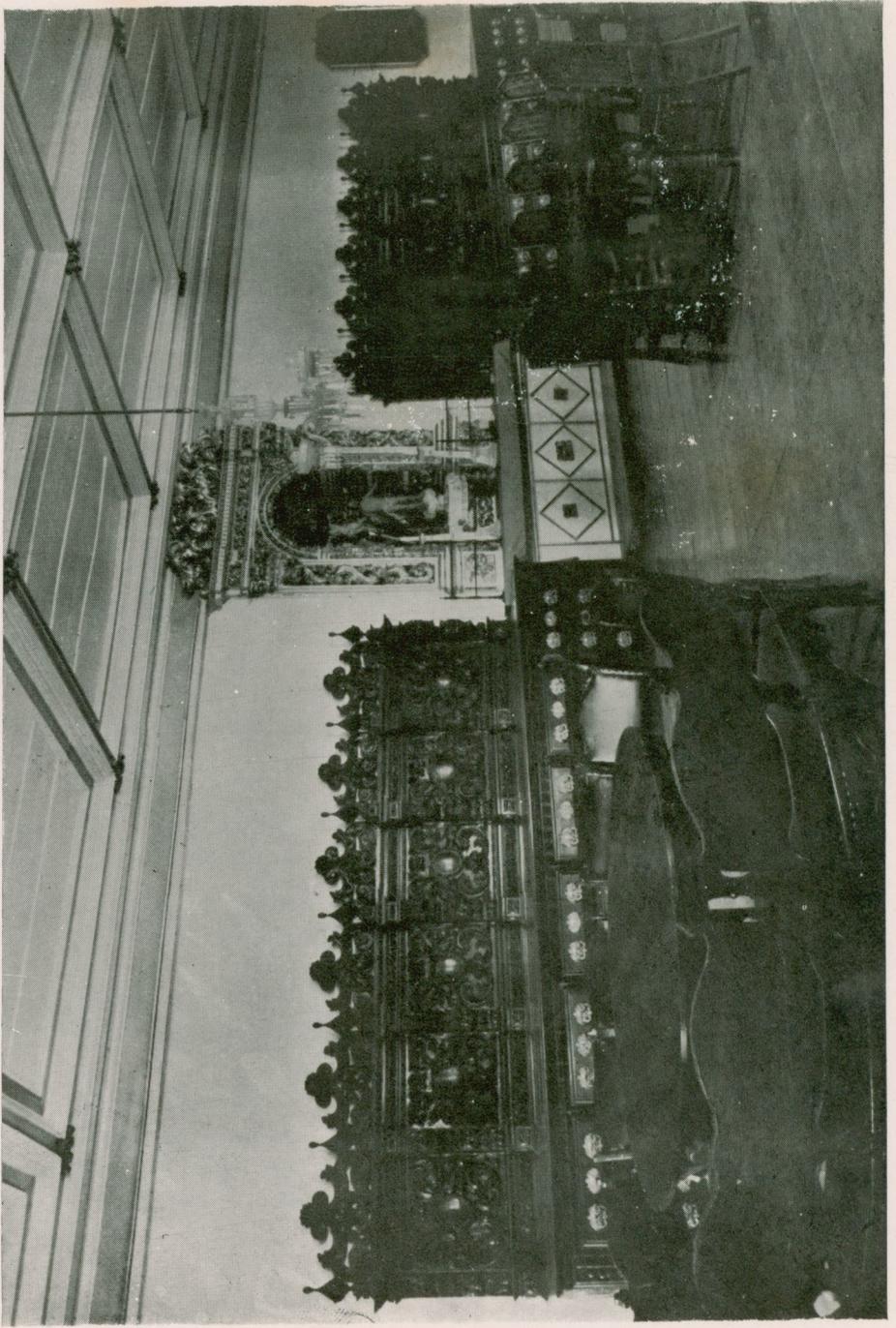
Iniciando a visita à Igreja da Misericórdia, pela porta de entrada, detenhamo-nos na contemplação do grande pano de azulejos à direita, lado da Epístola. Como devia ser lúgubre, na realidade, a cena que nossos olhos contemplas — O Procissão dos Ossos — instituída por D. Manoel, com a finalidade de recolher, anualmente, os ossos dos justicados para dar-lhes sepultura cristã. Era um dos muitos privilégios concedidos à Misericórdia. Na Bahia, segundo autorizados cronistas, essa procissão se realizou, pela última vez, em 1º de Novembro de 1825.

Do lado oposto, vê-se a reprodução da famosa Procissão dos Fogaréus, que a Irmandade da Misericórdia realizava à noite de quinta feira santa. Era uma dramatização da procura de Jesus pelos judeus, fato que determinou Sua prisão no Horto das Oliveiras. A Procissão dos Fogaréus extinguiu-se, na Bahia, em 1862, tais as desordens que ocasionava. Êstes belos painéis de azulejos de procedência portuguesa, foram encomendados a Antonio de Abreu, em 1722.

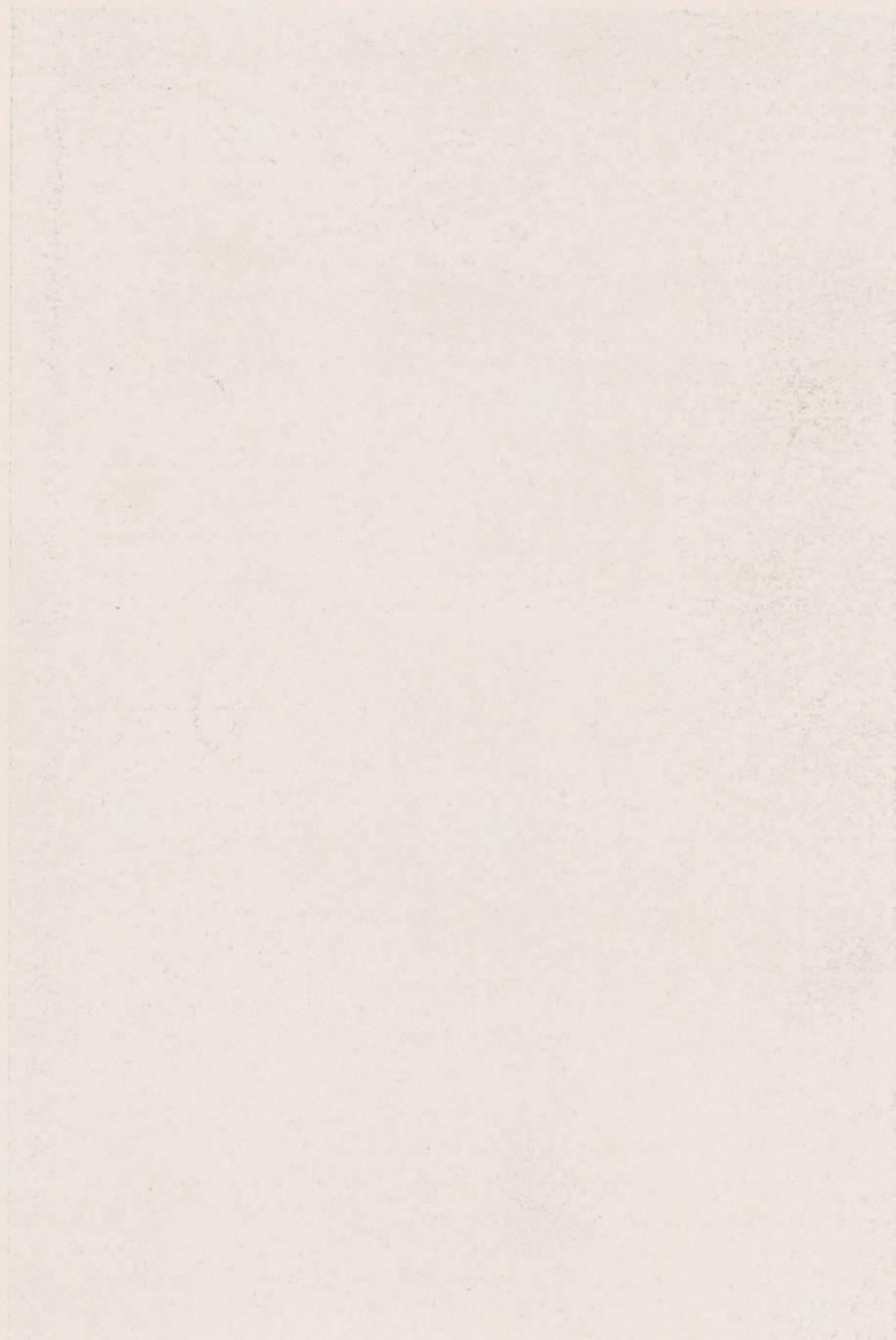
À direita, em frente ao púlpito, encontram-se as cadeiras destinadas aos Mesários. Datam de 1869.

Dois altares ladeiam a capela mor. Executou-os, em 1791, o entalhador Felix Pereira Guimarães. No da direita, vêem-se as imagens de N. Senhora, em cima, e Santa Luzia, em baixo. Do altar à esquerda é patrono Santo Antônio. Nêle também se venera Sant'Ana. O piso de pedra embutida, dêsses altares, foi assentado em 1857. Em 1938, quando se restaurou a Igreja, desapareceram os antigos frontais de madeira, substituidos pelos atuais em desacôrdo com o ambiente.

Uma placa de mármore, à entrada da capela mor, lado da Epístola, assinala a restauração feita na Igreja, em 1938. Das



Wrought-iron gate, 1880s



Arcaz na Sacristia da Capela

obras principais, encarregaram-se o pintor Thomaz Rossi e o velho artista baiano Luiz Alves Pereira, exímio dourador.

O retábulo da capela mor, trabalho executado em 1774, pelo entalhador Antônio Rodrigues Mendes, embora sofresse modificações no correr dos anos, ainda conserva os Santos Doutores, de que nos fala o Termo de resolução, de 22 de Junho daquele ano.

O piso do presbitério data de 1785, quando foi assentado pelo canteiro José da Silva Cunha.

Grande imagem do Crucificado, de marfim, destaca-se de riquíssima cruz toda revestida e aparelhada de prata, obra esta executada pelo ourives baiano Capitão Joaquim Alberto da Conceição Matos, em 1798. Durante muitos anos, a preciosa imagem, de autor desconhecido, esteve encorbada por sucessivas camadas de tinta.

São dignas de atenção dos visitantes as grandes imagens de São Cosme e São Damião, que se encontram junto às colunas. Vieram da Igreja da Palma, em 1735, a pedido da respectiva Irmandade, sem informação quanto à procedência das mesmas. Nas paredes laterais da capela mor, vêem-se 6 painéis, que minucioso recibo datado de 1º de Julho de 1792 identificam como da autoria de José Joaquim da Rocha. Devem-se as molduras ao entalhador Felix Pereira Guimarães.

Duas bonitas tocheiras de madeira entalhada ornaram o presbitério. Executou-as, em 1774, Antônio Rodrigues Mendes.

As 3 lâmpadas de feitiço moderno, que se vêem na Igreja, substituem as antigas e preciosas lâmpadas de prata, remetidas para a França, em 1870. Confiou-se a execução das atuais a P. Poussielque-Rusaud, de Paris.

Deixando a Igreja, vamos encontrar o claustro, com suas arcadas de cantaria. No centro do pátio, oferecida pelo Comdor. Francisco José Godinho, alteia-se a estátua da Caridade, feita em Lisboa segundo o risco remetido da Bahia em 1851.

De data ignorada, até 1939, as arcadas e molduras de pedras das portas estavam cobertas de tinta, retirada quando Provedor o Dr. Clovis Spínola, a quem coube completar a restauração iniciada anteriormente.

A Sacristia da Igreja da Misericórdia possui importante arcaz de jacarandá, com respaldo entalhado, obra preciosa que se deve ao marceneiro Luiz da Silva Ferreira, conforme revelação do Prof. Carlos Ott, em trabalho recente sôbre a Santa Casa.

Pela antiguidade e originalidade, merecem reparo a grande mesa redonda, executada em 1684 para o Consistório, pelo Portugal, chegou à Bahia em 1735. carpinteiro José Roiz Marrecos, e os bancos que a contornam, raros exemplares no gênero.

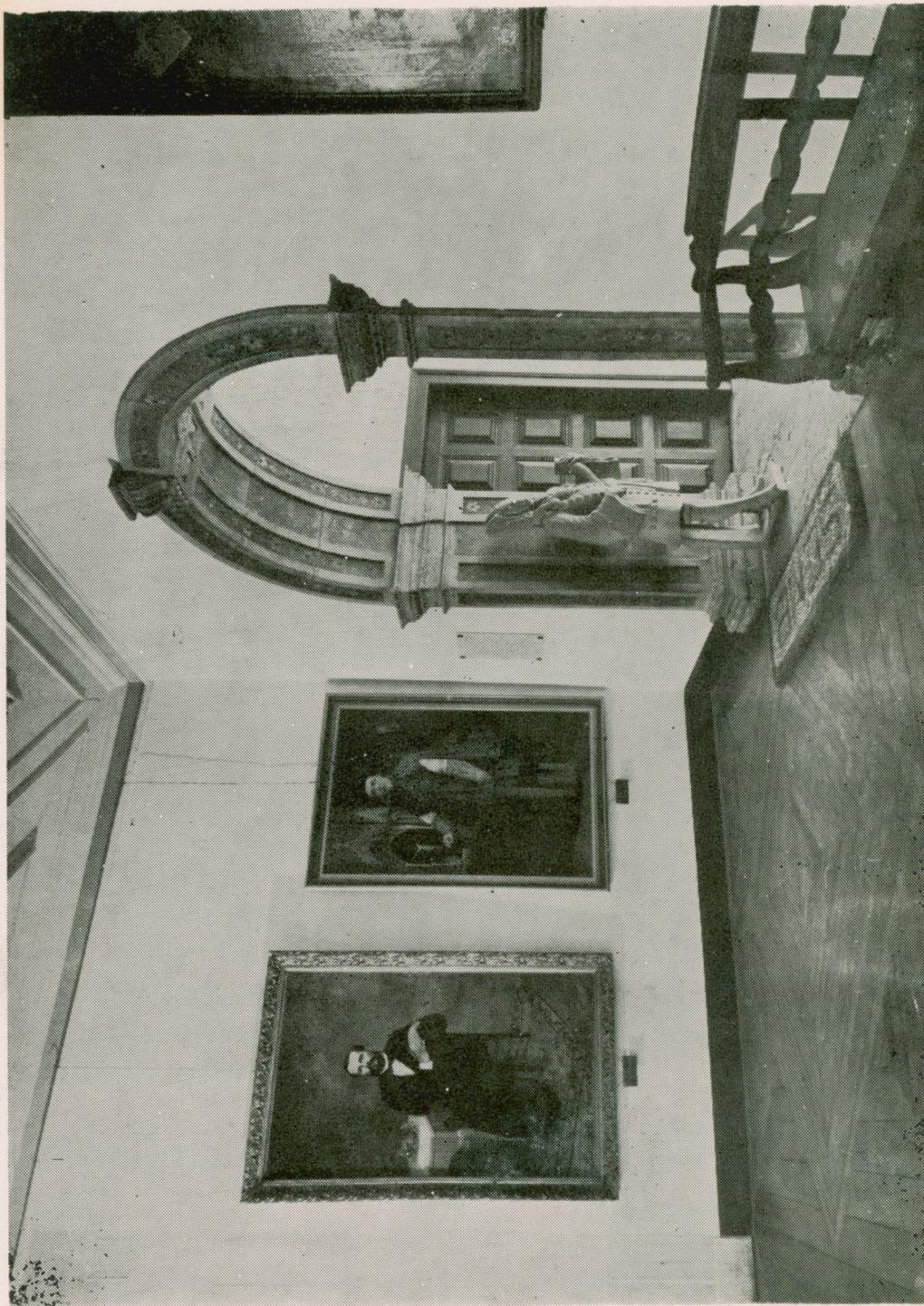
Entre os trabalhos que o pintor espanhol Miguel Navarro Y Canysares executou na Bahia nos 5 anos em que aqui residiu, de 1876 a 1881, figura a Bandeira ou Pendão da Misericórdia, que se vê na Sacristia.

Majestoso lavado de pedra, com 3 torneiras, o que não é comum, completa a imponência da ampla Sacristia, sob a qual se construiu, em 1775, o cemitério da Irmandade, hoje sem serventia.

SALÃO NOBRE

O Salão nobre não é menos digno de uma visita.

A escada de pedra, que leva a êsse recinto austero, impressiona agradavelmente, assim como a vista que se descor-



Portrait of a man

Lance de Galeria

tina, galgado o primeiro lanço. A pedra embutida, que a reveste, procedente de Portugal, assentou-se em 1704.

A poucos passos de quem sobe, à esquerda, fica o salão nobre. Nêles vamos encontrar retratos de antigos benfeitores da Irmandade, bonito altar de talha dourada, lustres, móveis e outros objetos dignos de reparo.

No fôrro apainelado, feito em 1732 pelo carpinteiro João de Miranda Ribeiro, estão representados por 6 figuras de mulher, 3 em cada extremidade, a Beneficência, a Fidelidade e a Concórdia; a Honra, a Liberalidade e a Razão. Nos quadros restantes os assuntos são variados. Não identificamos o autor ou autores destas pinturas.

Das 8 personagens, que se encontram em retratos no imponente salão, 2 vêm do século XVII e envergam a indumentária da época — Francisco Fernandes do Sim e João de Matos Aguiar, considerados grandes beneméritos da Santa Casa. O primeiro faleceu em 1664, datando seu retrato, de que é autor Lourenço Veloso, de 1699. João de Matos Aguiar faleceu em 1700.

Numa grande tela, de autor desconhecido, aparecem o Mestre de Campo Theodósio Gonçalves da Silva e sua mulher D. Ana de Souza Queiroz Silva, figuras destacadas no meio social bahiano, no século XVIII. O casal socorreu, generosamente, a Santa Casa na fase difícil que atravessou, quando Provedor o opulento Mestre de Campo. Ambos faleceram nos albores do século XIX.

Continuando, à esquerda, vê-se o retrato do Barão de Pojuca — José Freire de Carvalho — numa tela magnífica de Manoel Lopes Rodrigues, executada em 1897.

No lado oposto, figura o Tte. Cel. Antônio da Silva Paranhos, negociante na praça da Bahia, desde o século XVIII,

e oficial de uma das Companhias da Ordenança formada na Comenda de Poiares, da Ordem de Malta, aqui falecido em 1818.

Seguem-se os retratos do Comdor. Francisco José Godinho, de Manoel da Silva Friandes e de Joaquim Pereira Marinho, Conde de Pereira Marinho, todos grandes beneméritos da Misericórdia. Ao último, deve a Santa Casa o Hospital Santa Isabel, em cujo jardim da entrada se ergue a estátua dêsse esclarecido cidadão e avançado homem de negócio.

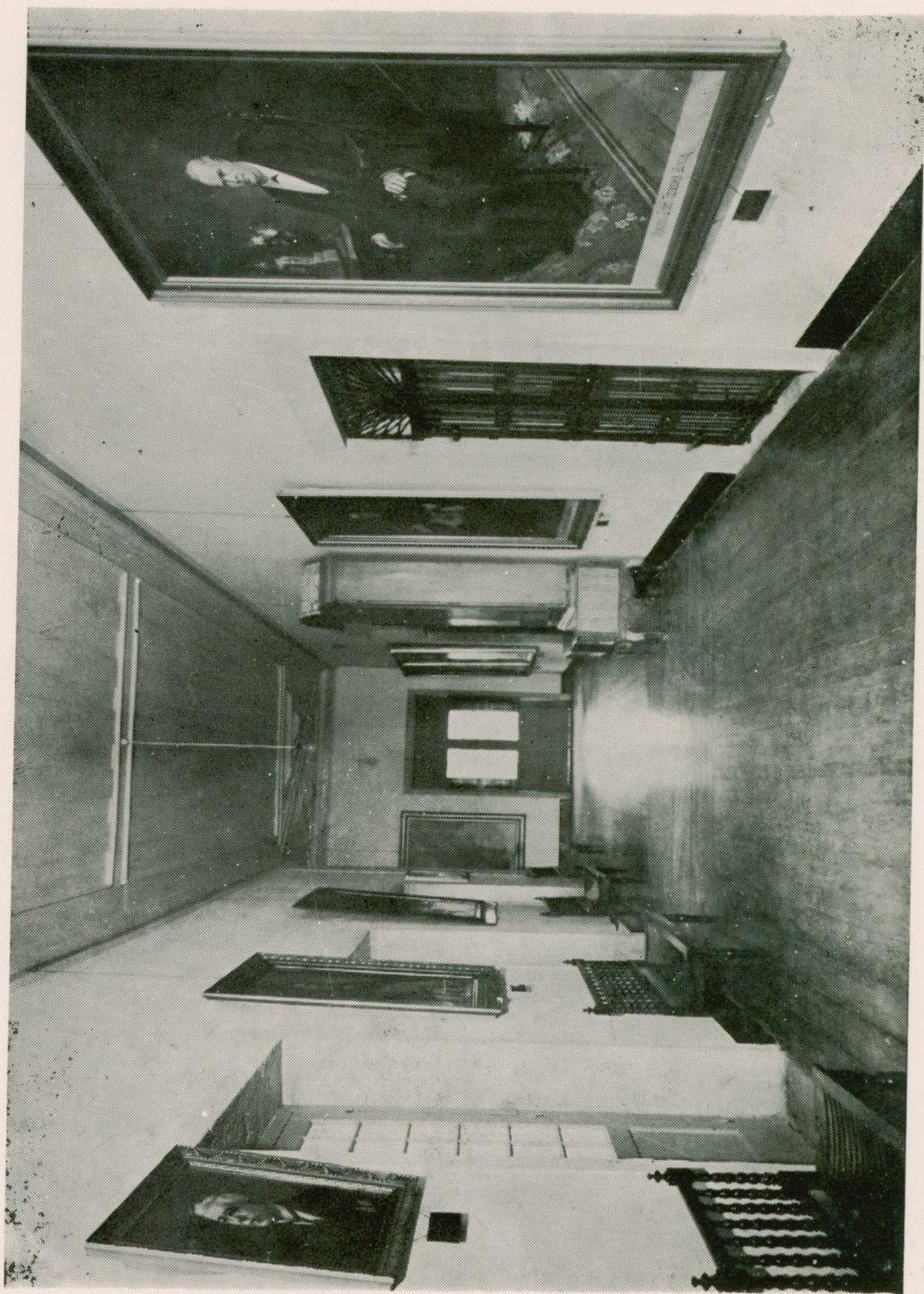
Dos retratos do Comdor. Francisco José Godinho e do Conde de Pereira Marinho são autores respectivamente, Emil Bauch e José Antônio da Cunha Couto.

A barra de azulejos que contorna o salão, procedente de

O mobiliário, constante de grande mesa e cadeiras, data de 1866. Foi executado na oficina do honrado marceneiro português Vitorino José Pereira, cujos filhos Drs. Antônio Pacífico, Manoel Vitorino e Mons. José Basílio Pereira lhe perpetuam a memória.

No precioso Arquivo da Misericórdia não se encontram referências ao bonito altar, no fundo do salão, lacuna que não podemos remediar.

Com as obras de restauração, que salvaram a escada e dependências voltadas para o poente de ruína, obras há muito reclamadas e em boa hora executadas, entre 1960-1961, pela Mesa a que presidiu o Dr. Flaviano Marques de Souza, os retratos outrora amontoados no salão nobre foram distribuídos pelos corredores de cima, depois de convenientemente restaurados pelo Prof. João José Rescala. A maioria dêles traz indicação da personagem que representa. O número elevado de homenageados não nos permite deter-nos em apreciações sobre



Young de Galvez

Lance de Galeria

o que foram e o que fizeram tantos beneméritos da secular Instituição.

Uma placa de mármore assinala, com justiça, a iniciativa feliz do incansável Provedor que, não satisfeito com a salvação da importante escadaria do edifício séde da Santa Casa, houve ainda por bem enriquecer o ambiente, da hoje notável galeria, com peças antigas, em cujo número bancos, sofás, velhas arcas, oratório e mesa correspondente.

Completando a obra importantíssima da aludida restauração, ocorreu ao Dr. Flaviano Marques de Souza reunir, numa antiga sala de sessões, objetos valiosos que se encontravam esparsos, dando-lhe a designação de «GABINETE DA PROVIDORIA».

Nesta sala, encontram-se retratos de benfeitores, com os respectivos nomes, a tela «Visitação de N. Senhora a Santa Isabel», executada em 1777 por José Joaquim da Rocha, sob a qual se vê a ata da sessão a que presidiu o Imperador D. Pedro II, em 11 de Outubro de 1859.

São digneas de menção a escrivanhinha, que Ruy Barbosa ocupava, quando exercia o cargo de Inspector da Estação Central, na Santa Casa, e a carta em que pediu demissão do referido cargo, datada de 15 de Agôsto de 1877.

Vale ainda, destacar bonita cômoda de jacarandá, século XVIII, com puxadores de bronze; 6 cadeiras de jacarandá, estilo Dom João V; pequena mesa de jacarandá, retangular, obra do século XVII; consola de madeira pintada e dourada, sôbre a qual repousa grande urna, igualmente pintada e dourada, em cujo cimo se vê o Cordeiro sôbre os selos do Apocalipse.

Por último, passou a enriquecer o ambiente um quadro contendo o diploma, pelo qual S. Excia. o Senhor Presidente de Portugal houve por bem distinguir a Santa Casa de Misericórdia da Bahia com a outorga do grau de Comendador da Ordem da Benemerência. No próprio diploma foram afixadas as condecorações respectivas.

Completando a obra encetada, que tanto relêvo deu à séde da secular Instituição, as alfaias da Misericórdia foram dispostas à maneira de exposição permanente, na antiga Casa Forte. Dêste modo, podem ser vistos e admirados os 6 castiçais da banqueta, executados pelo ourives Antônio Coutinho da

Cruz em 1750; bacia e gomil de prata, que se devem ao ourives Domingos de Sousa Marques, autor igualmente de 3 castiçais menores, dos 4 que executou em 1763. De outras alfaias expostas, há dúvidas quanto aos autores.

O visitante não perderá tempo indo até o côro de baixo, onde se encontram as pesadas 11 estalas, feitas entre 1671—1672 pelo marceneiro Domingos Sampaio.

CEMITÉRIO

Não ficariam completas as breves informações dêste «Guia» sem a inclusão de alguns dados sôbre o Cemitério, construído em 1775 por baixo da Sacristia, há muito sem utilidade e em completo abandono.

Compreendendo a importância histórica e arquitetônica da antiga morada transitória de tantos mortos ilustres, entre os quais o grande pintor Conterrâneo Antônio Joaquim Franco Velasco, a Provedoria, a cuja frente se encontra o Dr. Flaviano Marques de Souza, houve por bem mandar restaurar o recinto venerando, dando-lhe aspecto condigno.



Музей в Москве

Gabinete da Provedoria



2nd Floor

Salão Nobre

Em sessão realizada aos 19 dias do mês de Maio de 1775, propôs o então Provedor Cap. Frutuoso Vicente Viana a construção do referido Cemitério, na «Enfermaria velha que foi das Mulheres que fica por baixo da Sachristia desta Sta. Caza, e occupa todo o vão della», justificando sua proposta sob alegação de ser a Irmandade da Misericórdia tão ilustre e principal entre todas as mais da cidade e não possuir seu Carneiro ou Cemitério.

Aprovada a proposta, as obras foram confiadas aos mestres pedreiro e carpinteiro Inácio Anselmo de Góes e Manoel Alvares Campos, respectivamente, cabendo ao último a execução da escada, do fôrro e do mais que lhe competisse.

Da pintura do Cemitério incumbiu-se, em 1778, Domingos da Costa Filgueiras, artista de nomeada no seu tempo, segundo informa estragadíssimo Livro de Receita e Despesa.

Da mais antiga e prestigiosa Irmandade da velha Salvador muito mais se poderia dizer, não fôsse êste trabalho um guia turístico. Sua história completa revelaria fatos desconhecidos ou esquecidos, ligados à história comum da Bahia, tal o prestígio que desfrutou sempre entre nós, a Instituição benemérita, fundada para exercer obras de Misericórdia, todas elas inspiradas na virtude por excelência — a Caridade.

MARIETA ALVES

